PLATAFORMAS DIGITAIS COMO CAMPO EMPÍRICO DA EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL

Autor(res)

Diego Fogaça Carvalho
Gislaine Bueno De Almeida
Débora Cristina Aureliano Rossi Delalibera
Célio Diego Boni
Suzi Bueno De Almeida
Caio Francisco Stadler Santos
André Luís Dos Santos Domingues
Carolaine Vitoria Alves Pereira

Categoria do Trabalho

Pós-Graduação

Instituição

UNIVERSIDADE PITÁGORAS UNOPAR ANHANGUERA

Introdução

As transformações digitais que marcam a sociedade contemporânea têm produzido efeitos significativos no campo da educação, e tais mudanças também alcançam o fazer investigativo. À vista disso, a pesquisa em educação, em constante renovação, é atravessada pela cultura digital, que redefine o campo empírico de investigação.

Nesse sentido, as plataformas digitais surgem como espaços de produção de significados, interação e memória coletiva, convidando o pesquisador a rever criticamente o que se entende por dado, campo e sujeito de pesquisa. Mattar e Ramos (2020) destacam que investigar na internet implica escolhas epistemológicas e metodológicas próprias, que vão além da transposição de métodos tradicionais e exigem atenção às especificidades dos ambientes digitais e às implicações éticas que deles decorrem.

A emergência desse campo pode ser compreendida à luz do conceito de Onlife de Floridi (2014), que evidencia a indissociabilidade entre dimensões online e offline. Na atualidade não é possível pensar a educação sem considerar sujeitos e práticas que se desenvolvem em plataformas digitais e redes sociais, pois a sociedade em rede e a cibercultura instauraram novas formas de circulação de saberes (Castells, 2006; Lévy, 2010) reforçam que, legitimando esses espaços como territórios empíricos.

A evolução tecnológica impacta modos de aprender e comunicar-se (Santos, 2019), redimensionando os espaços educativos e transformando plataformas em novos territórios de interação. Nesse contexto, certos recursos tecnológicos são capazes de provocar mudanças significativas nos processos de ensino, convocando escola e universidade a ressignificar suas práticas.

Reconhecer plataformas digitais como campo empírico da investigação em educação significa admitir o surgimento de novos paradigmas investigativos, que exigem do pesquisador competências digitais que possibilitam investigar, analisar e transitar entre registros documentais e práticas culturais em rede.

Objetivo

Analisar como as plataformas digitais se configuram como campo empírico da investigação em educação no contexto da cultura digital, discutindo os novos paradigmas investigativos que emergem desse deslocamento e as competências requeridas ao pesquisador.

Material e Métodos

Este estudo caracteriza-se como ensaio teórico-conceitual, de natureza bibliográfica e analítico-reflexiva (Severino, 2016; Meneghetti, 2011; Gil, 2012). Nesse sentido, em vez de empregar procedimentos empíricos convencionais, como questionários ou observações em campo educacional, buscou-se avançar na compreensão crítica da pesquisa em educação no contexto da cultura digital, reconhecendo as plataformas como campo empírico legítimo.

A análise foi orientada por referenciais que iluminam a sociedade em rede (Castells, 2006), a cibercultura (Lévy, 2010) e a condição onlife (Floridi, 2014), articulados a contribuições de Santos (2019), que concebe a educação online como campo científico colaborativo. Tal combinação evidencia que o digital inaugura epistemologias próprias, sustentadas pela interatividade e pela produção em rede, consolidando a legitimidade das plataformas digitais como territórios de investigação.

Mattar e Ramos (2021) assinalam que a pesquisa na internet possui dupla natureza, sendo documental ao lidar com rastros digitais e de campo ao abarcar práticas sociais em mídias digitais de comunicação. Pois ao contemplar o digital na investigação implica reconhecer tanto o tratamento de registros quanto a análise de interações, exigindo uma reconfiguração epistemológica que legitime a internet como território social de produção de saberes (Hine, 2015; Kozinets, 2020). Essa perspectiva destaca que investigar em plataformas digitais não significa adaptar métodos tradicionais, mas delinear estratégias situadas que considerem especificidades epistemológicas e éticas.

A partir desse corpus, a investigação foi organizada em três eixos complementares, sendo a redefinição do campo empírico da educação pelas plataformas digitais, implicações epistemológicas e éticas do deslocamento para ambientes online e competências investigativas requeridas ao pesquisador educacional, concebido como sujeito reflexivo capaz de articular docência e pesquisa em contextos digitais.

Resultados e Discussão

Os resultados revelaram que as plataformas digitais, longe de simples recursos tecnológicos, consolidaram-se como territórios empíricos legítimos para a pesquisa em educação. Uma vez que investigar nesse campo significa adentrar ecossistemas em que sujeitos, dados e práticas pedagógicas se articulam em constante transformação, exigindo do pesquisador uma revisão crítica das noções de campo, dado e sujeito de investigação.

Essa consolidação não se explica apenas pela herança do contexto pandêmico, de 2020, ainda que este tenha acelerado sua adoção, mas integra um processo mais amplo de reconfiguração das práticas escolares e das formas de interação. À vista disso, os achados identificaram, na Catalunha, um aumento expressivo no uso de plataformas digitais por professores do ensino primário após a Covid-19 (Gonzalez Mingot; Marín, 2024). De forma convergente, pesquisas brasileiras (Pinto; Martins, 2024) apontaram que as plataformas não apenas complementam o trabalho docente, mas se tornaram estruturantes da experiência educacional, afetando conteúdos, modos de ensinar e relações escolares.

Esses dados evidenciaram que as plataformas deixaram de ser apenas apoio pedagógico e se tornaram estruturantes da experiência educacional. Diante disso, a investigação demandou uma perspectiva analítica que fosse além da visão instrumental. Sendo assim, é nesse ponto que se insere o paradigma do critical platform gaze (Decuypere; Grimaldi; Landri, 2021), que compreende as plataformas como arranjos sociotécnicos ativos. Sob a

compreensão que elas não apenas mediam relações, mas instauram novas lógicas de governança educacional, vinculadas ao capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017; Zuboff, 2019). Esse olhar crítico possibilitou analisá-las em sua materialidade digital, em sua função de intermediação e em sua capacidade de moldar práticas pedagógicas, o que ampliou a compreensão sobre o papel das tecnologias no campo educacional.

Outro resultado refere-se ao deslocamento do sujeito na cibercultura, que reforça a legitimidade das plataformas como campo de investigação. A cultura digital promoveu a transição do leitor contemplativo e do movente para o leitor ubíquo, caracterizado pela mobilidade, pela cognição distribuída e pela atenção parcial contínua (Santaella, 2004, 2013; Santos, 2019). Esse perfil se articula à condição Onlife (Floridi, 2014), em que fronteiras entre online e offline se dissolvem e a subjetividade passa a ser concebida como um self relacional, constituído nas interações entre sujeitos, tecnologias e contextos. Assim, para a investigação em educação, essa mudança implica compreender os pesquisados não mais como indivíduos isolados, mas como atores imersos em redes sociotécnicas, cujas práticas emergem da circulação em ambientes digitais.

Esse achado tem implicações éticas e metodológicas relevantes como apontado em Hine (2015) e Kozinets (2020), ao investigarem que ambientes digitais não se limitam a adaptações técnicas, mas demanda reconfigurar a epistemologia da pesquisa, legitimando a internet como território social de produção de saberes (Mattar; Ramos, 2021). Nesse sentido, o pesquisador é convocado a adotar estratégias situadas, capazes de articular a análise documental de rastros digitais com a observação de interações síncronas em lives, videoconferências e ambientes de mídias sociais.

Por fim, os resultados evidenciaram demandas inéditas ao professor-pesquisador como a investigação em plataformas digitais, não as reduzindo ao domínio técnico de ferramentas, mas exigindo competências digitais avançadas, como colaboração em rede, manejo crítico de dados e inovação metodológica (Krit, 2023). Tais exigências confirmam que as plataformas, ao se consolidarem como campo empírico da investigação educacional, instauram novos paradigmas analíticos, deslocam o sujeito para uma condição cibercultural exigindo do pesquisador competências digitais complexas.

Conclusão

Os resultados discutidos indicaram que as plataformas digitais vêm se consolidando como campo empírico relevante para a investigação em educação, no contexto da cultura digital. Pois, mais do que recursos de apoio, mostram-se como arranjos sociotécnicos que influenciam práticas pedagógicas, relações escolares e modos de produção de saberes. Nesse cenário, emergem novos paradigmas investigativos e exige-se do pesquisador o desenvolvimento de competências digitais críticas, éticas e colaborativas, fundamentais para compreender e intervir de forma responsável na educação em tempos Onlife.

Agência de Fomento

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Referências

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DECUYPERE, M.; GRIMALDI, E.; LANDRI, P. Introduction: critical studies of digital education platforms. Critical Studies in Education, v. 62, n. 1, p. 1-16, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17508487.2020.1866050. Acesso em: 25 set. 2025.

FLORIDI, L. The Onlife Manifesto: being human in a hyperconnected era. Cham: Springer, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-04093-6. Acesso em: 25 set. 2025.

GONZALEZ MINGOT, M.; MARÍN, V. I. Digital Educational Platforms in Primary Education: The case of Catalonia. Education and Information Technologies, v. 29, p. 873-894, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10639-023-12067-1. Acesso em: 24 set. 2025.

HINE, C. Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday. London: Bloomsbury, 2015.

KOZINETS, R. V. Netnography: The essential guide to qualitative social media research. 3. ed. London: SAGE, 2020.

LÉVY, P. Cibercultura. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARTINS, R.; PINTO, M. Plataformas digitais e práticas docentes no Brasil: Entre a inovação e a dependência tecnológica. Revista Brasileira de Educação, v. 29, p. 1-21, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/i/2024.v29/ Acesso em: 26 set. 2025.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. Metodologia da pesquisa em educação: abordagens quali, quanti e mistas. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2021.

SANTAELLA, L. Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, L. Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, E. Educação online: perspectivas para a cibercultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SRNICEK, N. Platform capitalism. Cambridge: Polity Press, 2017.